



## PODER

# O fator Alcolumbre na eleição no Senado

À frente das articulações para a recondução de Pacheco, senador sofre críticas no União Brasil por oferecer cargos nas pastas controladas pela sigla, e enfrenta reclamações do PSD, ante a forma como as funções na Mesa Diretora estão sendo distribuídas

» VICTOR CORREIA

Roque de Sá/Agência Senado



Alcolumbre ao lado de Pacheco: senador amapaense estaria pavimentando o retorno à Presidência do Senado em 2025

Comando das articulações pela recondução de Rodrigo Pacheco (PSD-MG) à Presidência do Congresso foi assumido pelo senador Davi Alcolumbre (União-AP), que se mobiliza intensamente para atrair os votos dos parlamentares indecisos. A atuação dele, porém, provocou críticas entre integrantes da Casa, especialmente dentro do próprio União Brasil e do PSD.

Caso Pacheco vença, cenário que é considerado o mais provável entre congressistas, Alcolumbre vai continuar no comando da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), a mais cobiçada do Senado. Esse é um ponto que prejudica a chapa. Alcolumbre já presidiu a Casa em 2019 e 2020 e foi cabo eleitoral de Pacheco como seu substituto.

Nos bastidores, fala-se que o amapaense quer concorrer novamente à principal cadeira do Senado em 2025, deixando insatisfeitos os parlamentares que visam o cargo ou que pedem uma alternância de poder na direção da Casa.

O entorno de Pacheco estima ter entre 50 e 55 votos a seu favor, mais que os 41 necessários para encerrar a disputa no primeiro turno. Pesa, porém, o risco de traições. Como o voto para as eleições do Congresso é secreto, há possibilidade de parlamentares votarem no sentido contrário à orientação de suas legendas. A campanha do principal opositor, Rogério Marinho (PL-RN), conta com as dissidências para levar a disputa ao segundo turno.

Entre os partidos mais divididos estão o União Brasil e o próprio PSD. Dentro da legenda de Pacheco, há reclamações a respeito do papel que Alcolumbre está desempenhando na campanha. E alguns criticam a forma como os cargos na Mesa Diretora do Senado estão sendo distribuídos. Além da eleição para a Presidência, que ocorre amanhã, a Casa Legislativa realiza, na quinta-feira, a votação para os demais cargos.

No União, a maior reclamação é de que Alcolumbre está

agindo sem ouvir outros membros do partido. Ele vem oferecendo cargos nos três ministérios controlados pela legenda, mas especialmente na pasta da Integração e do Desenvolvimento Regional. O ministro Waldez Góes foi uma indicação pessoal de Alcolumbre ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Membros do União avaliam que o presidente da CCJ consegue ganhar para Pacheco os votos da maioria dos senadores da sigla.

### Corpo a corpo

Marinho, por sua vez, assumiu o protagonismo da sua articulação e falou pessoalmente com mais de 60 senadores, visitando seus gabinetes e viajando a seus estados. Ele também conta com articuladores como a senadora eleita e ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina (PP-MS) e o também ex-ministro da Casa Civil Ciro Nogueira (PP-PI). O próprio ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) chegou a ligar para ao menos três senadores, pedindo voto em Marinho.

No domingo, o candidato do PL promoveu um almoço na casa do senador Izalci Lucas (PSDB-DF), em Brasília, para tentar virar votos. O parlamentar brasileiro declarou seu voto no ex-ministro. Ao menos 15 parlamentares foram ao local, incluindo integrantes do PSD, partido de Pacheco. A campanha avalia, ainda, que os votos da bancada do Podemos vão para ele na segunda parte da disputa. A legenda tem candidato próprio, o senador Eduardo Girão (Podemos-CE), sem perspectiva de vitória.

« Ao **Correio**, Izalci disse não concordar que a atuação de Alcolumbre seja o principal desgaste, mas, sim, o apoio que Pacheco tem do presidente Lula. «Como é que eu vou ser de oposição e ter esse alinhamento com o governo?», questionou o senador.

Nos bastidores, mesmo aliados de Marinho admitem que Pacheco está na frente e deve levar a disputa. Porém, a candidatura do ex-ministro ainda é considerada competitiva, e o cenário com voto secreto pode render surpresas no dia da eleição.

### Três perguntas para

**IZALCI LUCAS (PSDB-DF), SENADOR**

**O senhor declarou seu voto no senador Rogério Marinho. O que influenciou nessa escolha?**

Eu já tinha tomado a decisão há algum tempo. O Marinho foi colega meu do PSDB, tivemos dois mandatos juntos, fomos da Comissão de Educação. É uma pessoa de muita competência e articulação. Fizemos juntos as reformas, trabalhamos juntos o impeachment (da então presidente Dilma Rousseff). Então, a gente tem uma relação e uma identificação programática e de amizade. Acredito que ele tem todo um potencial para mudar realmente o que a gente precisa (no

Senado) em termos de protagonismo. Evidentemente, a eleição da Mesa é muito individual. O Alessandro (Vieira) também vai votar no Marinho. O Plínio já tinha manifestado voto no (Eduardo) Girão, e estamos trabalhando com o Girão também para fazer uma aliança única.

**Como avalia as chances de Marinho frente ao favoritismo de Rodrigo Pacheco?**

Precisamos de uma mudança. As conversas estão sendo boas, as chances estão crescendo. Sempre é difícil disputar com quem está indo à reeleição. Acho que ele (Marinho) tem muita chance.

**O que espera da gestão de Marinho, caso ele vença?**

**E o senhor o considera um radical, como diz parte da base governista, por sua proximidade com Jair Bolsonaro?**

Acho que ele tem de fazer o papel de independência, como qualquer um deveria fazer. Como oposição, ele vai fazer de uma forma mais independente ainda. Tem as características do PSDB. Aquilo que é bom para o Brasil, ele vai ser favorável, e já demonstrou isso. Ele não tem essa questão de quanto pior, melhor. Vai conduzir de uma forma republicana. Eu o conheço, sei que ele não é radical. E defende realmente o que é bom para o país, sempre defendeu. Tem como provar isso, e não é só com palavras, com ações.

### » Pautas da bancada feminina

A bancada feminina apresentou, ontem, uma proposta de carta-compromisso aos candidatos à Presidência da Câmara. O primeiro ponto destacado pelas deputadas é a maior participação feminina na política. «Quanto mais mulheres participam da vida política do país, mais os índices sociais e de bem-estar melhoram», diz o texto. Segundo registros da Casa, somente em oito legislaturas as mulheres foram membros da Mesa Diretora. Em seguida, as deputadas citam o enfrentamento à violência contra a mulher e o trabalho da Câmara em favor de pautas que visam à garantia da saúde da mulher. (**Agência Câmara**)

## Revisão do plano de segurança

O interventor federal na Segurança Pública do DF, Ricardo Cappelli, fez uma revisão, ontem, das medidas de proteção que serão adotadas para a posse de deputados federais e senadores, marcada para amanhã. O evento ocorre sob a sombra dos ataques terroristas de 8 de janeiro, em que os prédios dos Três Poderes foram depredados.

A cerimônia ocorrerá após o fim da intervenção federal em Brasília — a medida termina hoje. Cappelli fez o anúncio em postagem no Twitter: «Hoje (ontem), faremos a revisão do plano de segurança para a posse dos congressistas. O secretário de Segurança Pública do DF, Sandro Avelar, estará presente e

comandar a execução no dia 1º, tudo em perfeita harmonia», escreveu o interventor.

### Esplanada fechada

Para a posse dos congressistas, segundo o ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, a Esplanada deve ficar totalmente fechada. «Não acreditamos que haverá manifestações dessa natureza, de centenas ou de milhares de pessoas. Porém, a estas alturas, tendo em vista o extremismo de pequenos segmentos sociais, a prudência indica que esse deve ser o caminho», declarou, em coletiva de imprensa na última quinta-feira. O Eixo Monumental está fechado nas vias em

frente ao Congresso Nacional desde o fim de semana.

A maior preocupação é a instalação de explosivos na região, por causa da tentativa, malsucedida, de atentado a bomba feita por bolsonaristas extremistas em 24 de dezembro — o artefato foi colocado num caminhão-tanque próximo ao aeroporto e só não explodiu por uma falha técnica.

Com o fim da intervenção federal, o comando da Secretaria de Segurança Pública passará de Ricardo Cappelli, secretário-executivo do Ministério da Justiça, para Sandro Avelar. A posse dos parlamentares terá um esquema de segurança similar ao adotado durante a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º de janeiro. (VC)

Amanda Sales/CB/D.A. Press



O interventor federal Ricardo Cappelli: «tudo em perfeita harmonia» para a posse no Congresso